

Experiências formativas com o cinema



Foto: Alessandra Jungs, bolsista PROEXT/2014

Encontro com professores da rede pública de Santa Maria, RS

■ **CAMILA BORGES DOS SANTOS**

Mestre em Educação, professora do curso de pedagogia EaD/ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Imaginário Social (GEPEIS/UFSM).

camilaborgessm@hotmail.com

■ **FABIANE RAQUEL CANTON**

Mestranda em Educação na UFSM. e professora da rede municipal de Restinga Sêca, RS.

fabirachel@hotmail.com

■ **MARILENE LEAL FARENZENA**

Mestre em Educação pela UFSM e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Imaginário Social (GEPEIS/UFSM).

marilealfarenzena@yahoo.com.br

■ **TANIA MICHELINE MIORANDO**

Doutoranda em Educação pela UFSM e professora no Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, RS.

tmiorando@gmail.com

■ **VALESKA FORTES DE OLIVEIRA**

Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Imaginário Social (GEPEIS/UFSM) e professora na Pós-Graduação em Educação, UFSM.

guiza@terra.com.br

Programa realizado em escolas públicas de Santa Maria, RS, tem como objetivo ampliar o repertório dos professores em relação ao cinema nacional e fazer com que vivenciem a aventura proporcionada pela “sétima arte”. As imagens exibidas na tela são o ponto de partida para a discussão de temas importantes para a formação do espectador, contribuindo assim para o trabalho pedagógico

Este texto refere-se ao programa “Cinegrafando a educação – experiências formativas em cinema: até onde a sétima arte pode chegar?”, desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), RS. Coordenado pela professora Valeska Maria Fortes de Oliveira, o programa tem como objetivo promover o trabalho com o cinema na rede pública de ensino de Santa Maria. A universidade vai ao encontro dos professores da educação básica a fim de realizar ações formativas para que o cinema seja incorporado ao cotidiano escolar.

Em junho de 2014, foi promulgada a Lei nº 13.006, que torna obrigatória a exibição de filmes de produção nacional como componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola por, no mínimo, duas horas mensais (BRASIL, 2014). A lei gerou indagações importantes para a definição do roteiro do programa: Como as escolas vão dar conta de mais uma atribuição, além de suas inúmeras responsabilidades? O que fazer para que o cinema seja entendido como um aliado da formação cultural dos professores e dos estudantes?

Para cumprirmos tal intento, além de estudos e debates sobre as teorias cinematográficas e educação realizados pela equipe do GEPEIS, convidamos algumas instituições escolares para participar do programa, que tem como proposta a formação itinerante. Foi assim que entramos nos espaços escolares pelas mãos dos próprios professores, interessados em participar de uma formação sobre cinema e educação.

Esse programa foi realizado em cinco escolas da rede pública da cidade de Santa Maria, com a participação de 20 professores das diversas áreas do conhecimento, que passariam a atuar como multiplicadores em suas escolas. Os encontros aconteceram de agosto a novembro de 2014.

Prática social e recurso pedagógico

A educação está ligada ao cinema de várias formas, uma vez que aproxima outras percepções da realidade e contribui para ampliar as visões de mundo das pessoas. O cinema, por sua vez, pode ser considerado como um dispositivo para pensar sobre a própria vida, já que provoca questionamentos e inquietações.

Os professores que utilizam filmes como fonte de conhecimento e de reflexão percebem o potencial do cinema para a formação e a socialização dos sujeitos. Duarte (2002) afirma que a educação escolar é vista como uma das formas de socialização, compreendendo a aprendizagem como interação e participação. Para essa autora, o cinema tem uma função relevante na formação do pensamento, na produção de saberes, na construção de identidades, na percepção das diferentes visões dos diretores e atores e também de elementos cinematográficos (como sons, silêncios, imagens, movimentos, direcionamentos etc.).

O cinema causa encantamento a quem lhe é apresentado pela primeira vez. Estar em contato com o cinema é experimentar inúmeras possibilidades, como viven-



ciar uma história que pode ou não ter semelhanças com a vida de quem assiste ao filme. A aventura proporcionada pela “sétima arte” também traz a possibilidade de discutir temas que tangenciam questões do meio escolar.

Ao incluir o cinema em suas práticas pedagógicas, os professores deparam com os vários olhares sobre o que se entende por “sétima arte”:

O espectador jovem é um espectador com um olhar diferente, determinado pelo seu contato com outros meios de comunicação que não só o cinema. A televisão, por exemplo, o habituou a se relacionar com as imagens através de uma tela pequena e num ambiente repleto de interferências de toda ordem, além de lhe permitir ter o controle absoluto do *zapping* (MOURÃO, 2001, p. 50).

Ir ao cinema para assistir a um filme em lançamento é muito diferente de assistir a um filme na televisão, com intervalos, propagandas, cortes etc. Segundo Barthes (2004), assistir a um filme na sala de cinema envolve um ritual que inclui arrumar-se, encontrar pessoas e lembrar-se do encontro. Esse ritual, no entanto, é pouco comum entre alunos e professores de escolas distantes de centros urbanos. Então, ensinar os membros da comunidade a perceber a diferença entre o cinema e a televisão passa a ser uma tarefa da escola.

O programa na prática

Para efeitos metodológicos, o programa é composto por três eixos. O primeiro eixo – “O cinema de cada um: viveres e memórias cinematográficas” – trata de questões como o cinema na vida do professor, suas experiências, percepções e significações. Este eixo propõe ainda uma reflexão sobre a “sétima arte” e a sociedade e a utilização do cinema como recurso para a melhoria da educação.

O segundo eixo – “O cinema vai à escola” – envolve subprojetos, desenvolvidos em instituições de ensino mu-

nicipais e estaduais, sobre como ver e fazer cinema. As discussões são pautadas por questões do dia a dia, estruturadas no tripé cinema-educação-formação. Há projeções de filmes seguidas de conversas sobre as possibilidades de produção de audiovisuais na escola.

No terceiro eixo – “Professores no cinema e professores fazendo cinema” –, a proposta é refletir sobre as experiências dos professores e dos alunos na produção de vídeos. Além disso, são realizados debates sobre filmes que mostram o cotidiano vivido em algumas instituições educacionais brasileiras.

Nos encontros, os professores contaram que as histórias mostradas nesses filmes os fizeram refletir sobre a relação professor-aluno e escola-aluno, o que tornou possível ir além das fronteiras das relações escolares. Eles expressaram também suas percepções a respeito do que entendem por cinema nacional. Ficou evidente que alguns docentes ainda consideram o cinema brasileiro como algo de baixa qualidade. Muitos restringem seu repertório a produções comerciais veiculadas nos grandes circuitos de cinema e desconhecem o que é feito fora desse círculo e apresentado em festivais regionais e nacionais.

Para estimular a implementação da Lei nº 13.006 e ampliar o repertório dos professores, o programa investiu na exibição de longas e curtas-metragens (alguns deles de Santa Maria, RS). Assistir a esses filmes contribuiu para ampliar a percepção acerca da linguagem cinemató-



Foto: iStock

Experiências formativas com o cinema

gráfica. Observar detalhes do roteiro, do som, da luz, do movimento e dos enquadramentos ajudou os professores a orientarem os alunos na produção de audiovisuais.

Os professores fizeram ainda a leitura de textos teóricos sobre cinema e educação e participaram de oficinas de criação de vídeos com exercícios de gravação e edição. Eles manifestaram suas impressões sobre a experiência de orientar os alunos na produção de vídeos que mostram o dia a dia na escola e na comunidade em que vivem.

Considerações finais

Há um imaginário do cinema (BERGALA, 2007) que difere do imaginário da televisão, embora esse veículo exiba filmes, além de programas propriamente televisivos. O que importa não é ver filmes na televisão ou no cinema, e sim fazer com que o espaço da escola possa ampliar as possibilidades de ver outras produções, de forma a enriquecer o repertório do professor e das crianças e jovens. As imagens falam por si e podem ser a porta de entrada para aproximar o cinema dos professores e dos alunos. O objetivo desse programa é fazer com que o cinema gere discussões que tomem rumos profícuos. Espera-se, assim, que a escola compreenda a riqueza e a beleza que a “sétima arte” pode trazer para as práticas pedagógicas.

Nesse sentido, Fresquet (2013, p. 19) salienta que, “de fato, o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante do espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto”.

Façamos mais uma última reflexão acerca do programa em questão: Até aonde a “sétima arte” pode chegar? Sabemos que as possibilidades com o cinema são inúmeras e que se tornam infinitas se bem entrelaçadas com a formação de professores.

Referências Sugestões de leitura

BARTHES, Roland. Ao sair do cinema. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 427-433.

BERGALA, Alain. *La hipótesis del cine*. Pequeño tratado sobre la transmisión del cine en la escuela y fuera de ella. Barcelona: Laertes Educación, 2007.

BRASIL, Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014. Obriga a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Disponível em: <<http://migre.me/pJtgs>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DUARTE, Rosália. *Cinema e formação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FRESQUET, Adriana. *Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MOURÃO, Maria Dora. Algumas reflexões sobre o cinema, o audiovisual e as novas formas de representação. *Revista FAMECOS: Sessões do Imaginário*, 7, p. 49-52, 2001.

A seção Educar o Olhar foi criada e é coordenada por:

• **Inês Assunção de Castro Teixeira**

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), pesquisadora do Grupo de Pesquisas sobre Condição e Formação Docente (PRODOC/FaE/UFMG), e cofundadora da Kino – Rede Latinoamericana de Educação, Cinema e Audiovisual.

• **Maria Jacqueline Grammont**

Professora e pesquisadora da Universidade Federal de São João del-Rei, com participação no Grupo de Pesquisas sobre Condição e Formação Docente (PRODOC) e na Rede Kino - Rede Latinoamericana de Educação, Cinema e Audiovisual.

